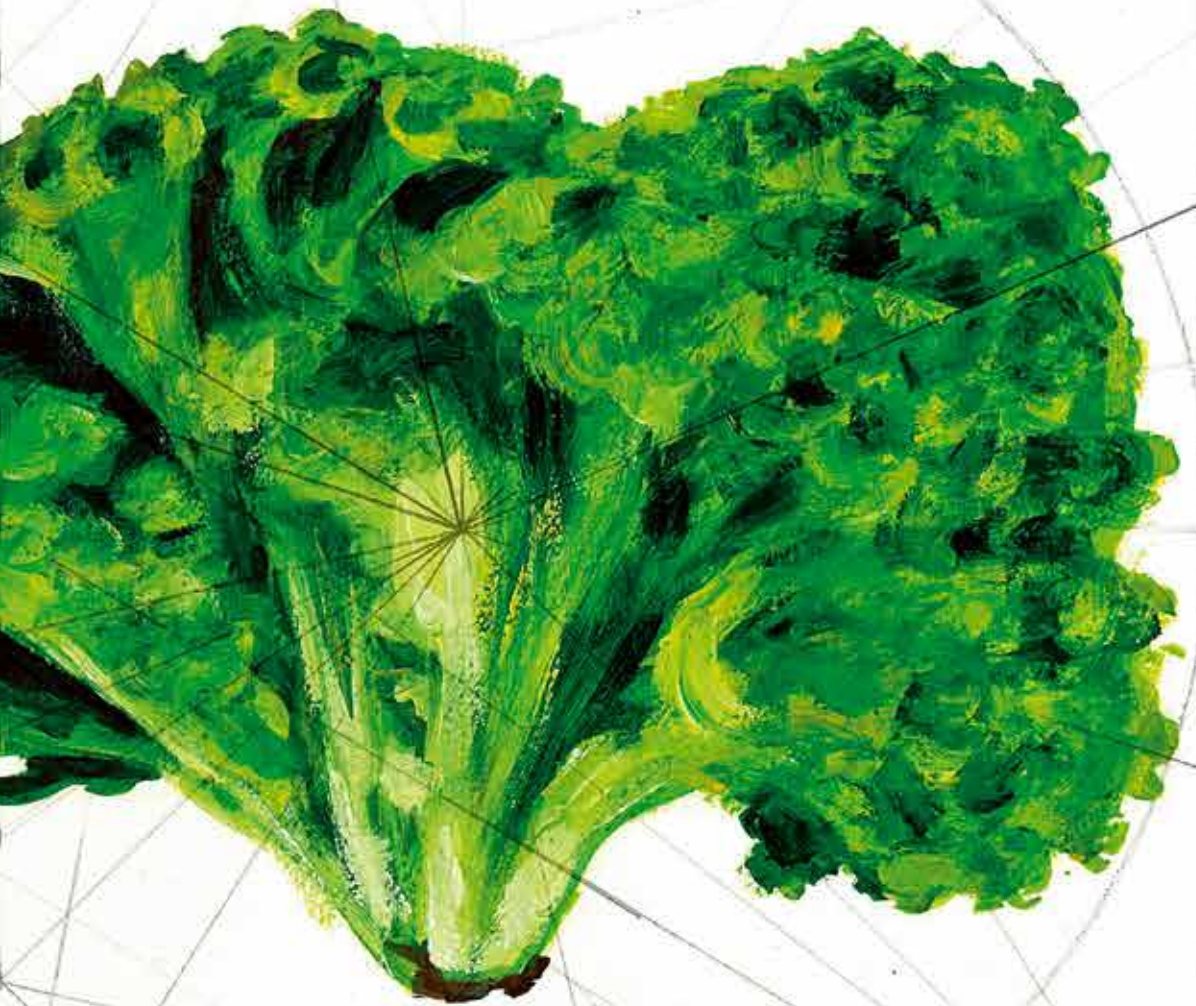


*...há tanto aqui que seria
facilmente considerado
desimportante que,
justamente por isto,
sinto-me ancorado à vida...*



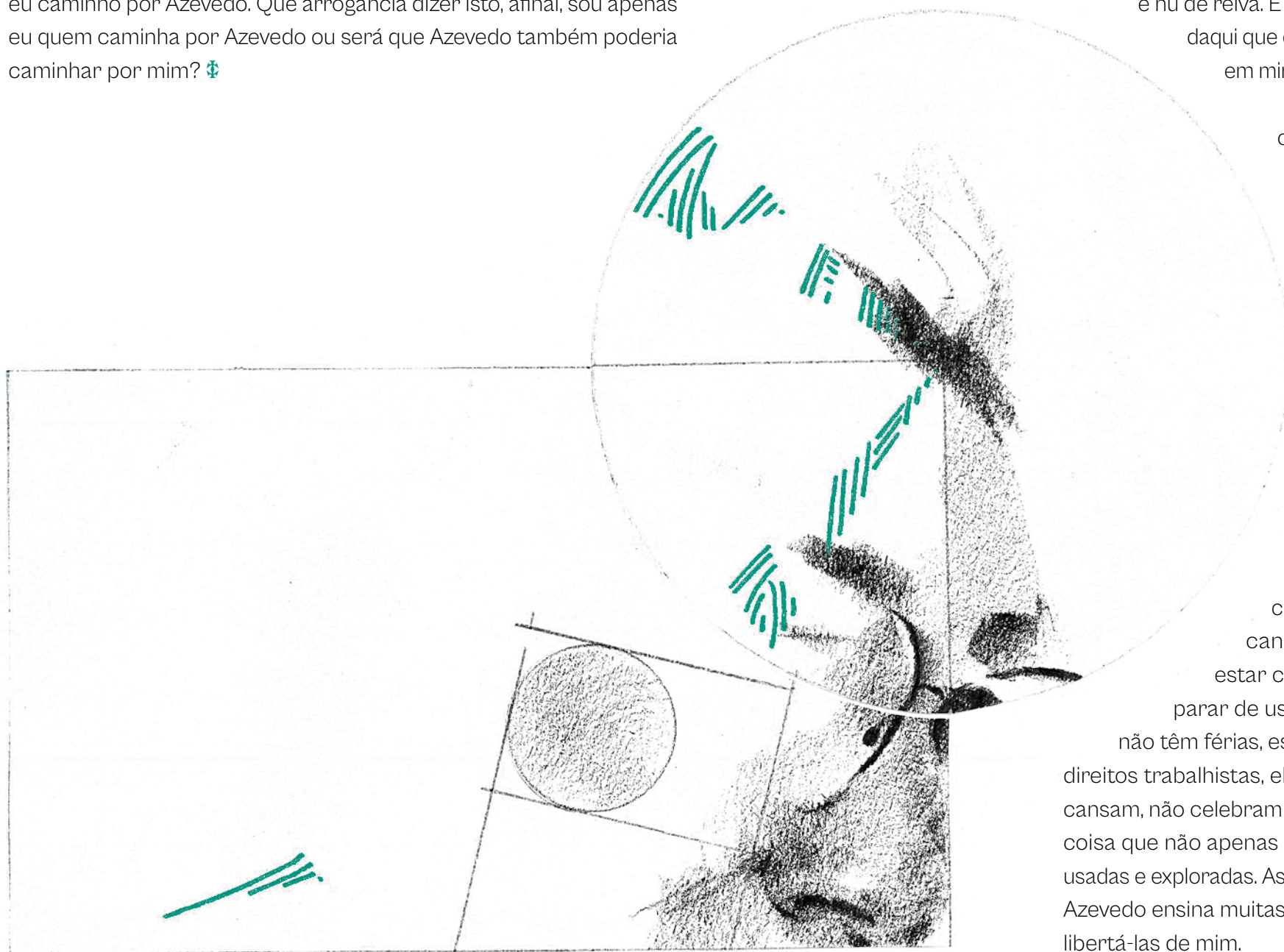
azevedo



Estive distante algumas semanas. Quando fico um tempo longe, aquilo que gosto de fazer é subir na linha 400, saltar numa paragem qualquer de Azevedo, caminhar até o Parque Oriental da Cidade do Porto e por lá ficar durante uma hora, um pouco mais, talvez, às vezes basta um pouco menos. É lá onde estou agora, outra vez, feito um pequeno barco ancorado num porto seguro após atravessar uma sonora tempestade. Deixo-me sentado ao sol, de molho no sol, abandonado mesmo, sem querer muito, às vezes deito-me ali, naquele relvado, é nele onde anoro-me. Depois de um tempo, sem muitos planeamentos, ergo-me e ponho-me a caminhar lentamente, feito o bípede que sou, e será no passo a passo desse caminhar que os sorrisos mais genuínos e confiantes brotarão em meu rosto.

Caminhar por
Azevedo ensina a
arte do esquecimento.

Quando estou por cá, como agora estou, dentro ou fora dos autocarros, satisfaço-me apenas com observar os movimentos ao redor, observar as pessoas e seus gestos, ouvir suas vozes que falam tanto para fora como, por certo, para dentro. Mas que arrogância dizer que eu caminho por Azevedo. Que arrogância dizer isto, afinal, sou apenas eu quem caminha por Azevedo ou será que Azevedo também poderia caminhar por mim? 🌀



Ali estou naquela esquina. Estou ligeiramente emocionado com esta possibilidade que nunca antes tinha imaginado: Azevedo passeia sobre mim. Sob os seus largos pés, deito-me disponível. Sou feito um chão ou estrada, agora sou menos gente e mais um solo feito de pele e nu de relva. É no mais fundo deste solo onde afundo agora. É daqui que escrevo: a partir das pegadas que Azevedo pisou em mim, a partir daquilo que Azevedo em mim semeou. Em suas inúmeras andanças sobre mim, é preciso dizer, sinto que Azevedo tirou-me a fala. Se eu fosse alguém dramático e escandaloso, estaria a gritar por todos os lados que Azevedo roubou-me as palavras!

Azevedo roubou-me as palavras!

Mas não é bem assim. Trata-se de um roubo bom. As palavras não têm dono. Suspeito, como escritor, que assim como, por vezes eu me canso delas, elas – as palavras – também devem estar cansadas de mim. Coitadas! Às vezes é preciso parar de usá-las. É preciso, às vezes, dar-lhes férias! Elas não têm férias, estão privadas de diversão, as palavras não têm direitos trabalhistas, elas são usadas e por nós usadas e nunca descansam, não celebram o Natal, não tomam um copo, não fazem outra coisa que não apenas ser usadas e exploradas e, por nós, humanos, usadas e exploradas. As palavras também cansam, ora! E Azevedo, bom, Azevedo ensina muitas coisas, inclusive a libertar-me das palavras ou libertá-las de mim.

Azevedo ensina a viver sem explorar coisa alguma.

Lá embaixo estou naquele relvado. Mas não quero escrever sobre mim ou sobre quem sou. Escrevo sobre aquilo que Azevedo fez neste meu corpo meio solo, escrevo no frio, era assim como estava naquele dia: largado sobre a relva, olhos tranquilamente fechados, tal como um buda que nunca fui ou serei, foi naquela posição em que ouvi pela primeira vez uma espécie de chamado que dizia-me “vem até mim, menino, vem!”. E o chamado ou voz sublinhava: “aqui há mais vida do que imaginas, mais poema que palavrinhas!”. E, então, lembro-me bem, eu fiquei um bocado assustado, lembro-me bem, ao abrir os olhos eu continuava a ouvir o chamado que insistia “vem até mim, caro escritor, vem até mim!”.

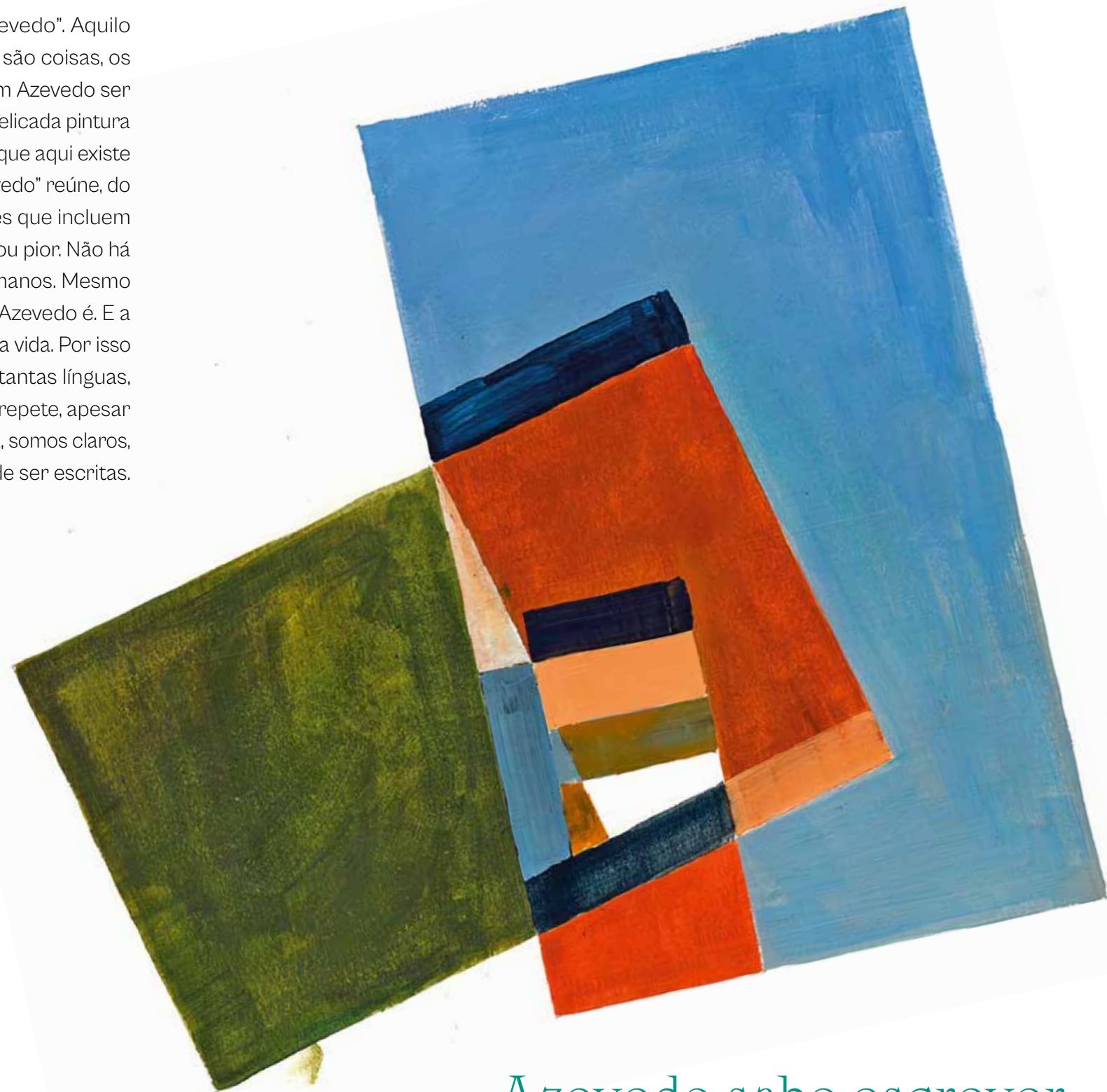
Foi quando brotou, neste solo que vos escreve, outro aprendizado: as coisas que existem neste mundo estão mais ou menos reunidas e misturadas. Uma coisa não precisa terminar para que a outra comece. Quer sejam pessoas, árvores ou pássaros, quer as coisas deste mundo sejam sacos de lixo, fumaças ou autocarros, as coisas que existem neste mundo são exatamente aquilo que este mundo é.

E este mundo não faz exclusões, ele só sabe somar.‡

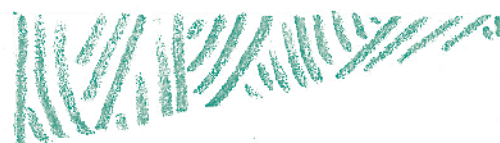
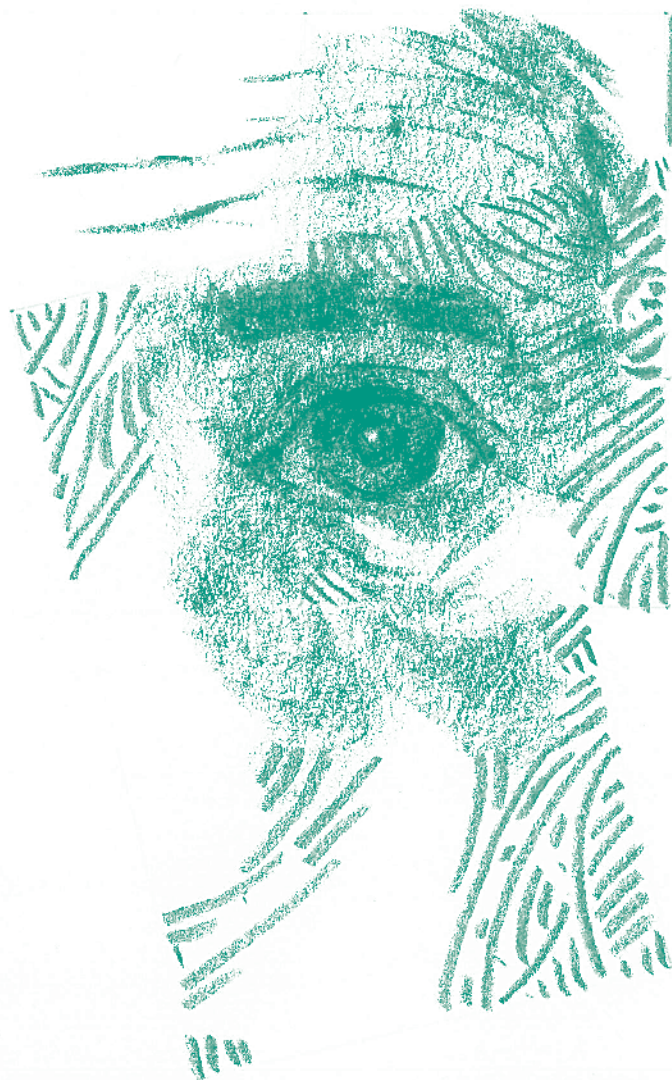


E se Azevedo fosse uma pintura?

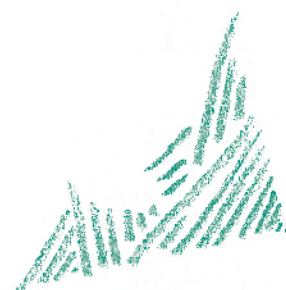
Imaginemos, por favor, uma pintura chamada "Azevedo". Aquilo que nela existe são variadas coisas. Os traços e riscos são coisas, os detalhes e relevos são coisas ou ingredientes que fazem Azevedo ser aquilo que Azevedo é, ou seja, Azevedo. Observem esta delicada pintura mais atentamente, aproximem-se dela e vejam: nada do que aqui existe deveria estar noutra lugar. Este universo chamado "Azevedo" reúne, do seu modo e nas suas medidas, todos esses ingredientes que incluem os tais seres humanos. Mas não há ingrediente melhor ou pior. Não há tanta distância assim entre sol, céu, pedra e seres humanos. Mesmo diferentes, cada ingrediente compõe esta pintura que Azevedo é. E a pintura ensina: nada mais somos do que tinta na paleta da vida. Por isso tantas cores, por isso somos tantas, tantos cabelos e tantas línguas, maravilhas tantas e angústias infinitas. A pintura não se repete, apesar dos museus. Nós, seres humanos, somos massa e textura, somos claros, turvos e escuros a tingir paisagens que nunca cessam de ser escritas.



Azevedo sabe escrever.



Às vezes, honestamente, sinto que Azevedo põe-me a escrever estas coisas apenas para divertir-se com a mais completa inutilidade destas palavras. Acreditamos por tempo demais que as palavras serviriam para tudo, mas poucas vezes usamos as palavras para perguntar coisas como: e a pele, será que ela conversa de que modo? Como as casas respiram? E os pássaros, do que são feitas as suas histórias? Como o vento faz festa? Como é o velório de uma estrela morta? E o aniversário daquela parede, quando é? Nuvens dormem? E o café, será que ele sente dores de cabeça?

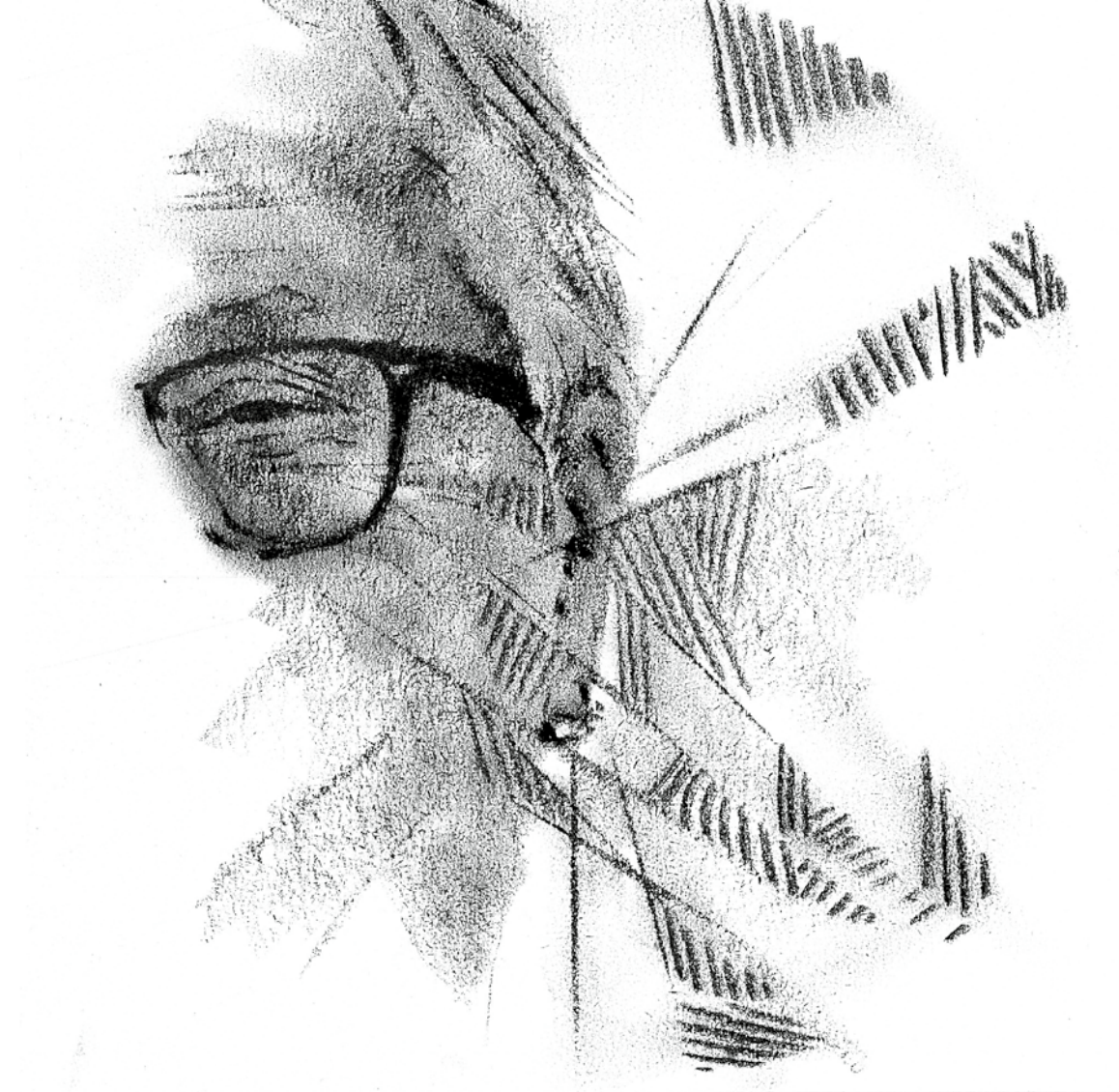


Escrevo-lhes sequestrado
de mim; Azevedo
sequestrou-me.‡

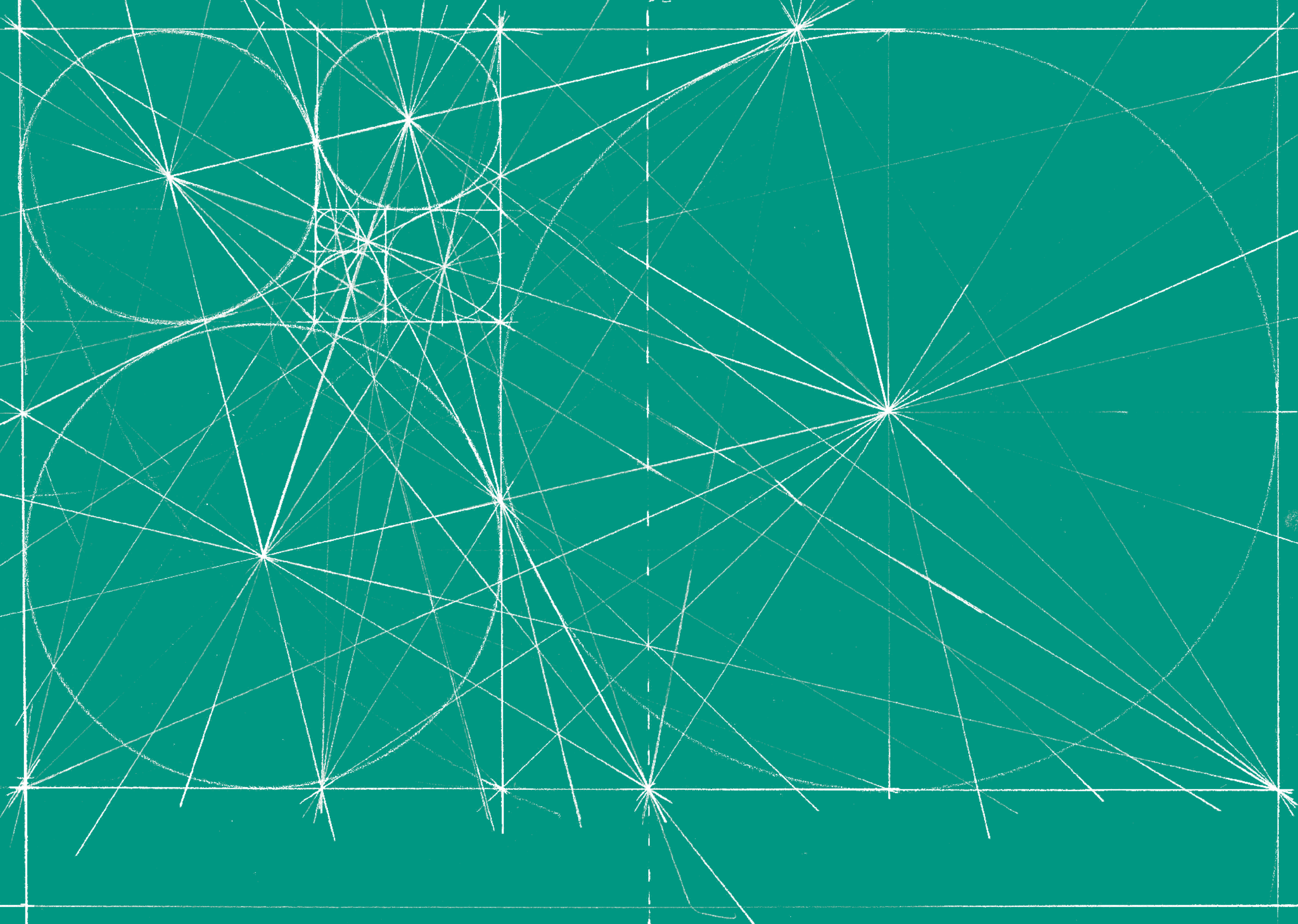
Cinco broinhas? Ah, isso não tem jeito! Na passagem de ano, comprei cinquenta, mas meia hora desapareceram todas. Eu sou fiel, minha filha, eu sou fiel. É, ela é fiel. Sou uma pessoa que estando bem eu fico, entendes? Desapareceram todas! Eu gosto de ajudar o meu próximo de mim. Ela partilha. Olha, eu já falei com ela. A minha família de casa, em relação a bolos, não compra. Só se for caseiro. Não sou muito de bolos de fora. Um de laranja, outro de cenoura. Anda lá! Desculpa, estava a conversar com este menino. Este menino não é de cá, é do Brasil e tem que levar uma boa imagem nossa. E ele está a falar sobre Azevedo. Isto é uma revista daqui? É sim, senhora. Sobre Azevedo? Sim, o senhor lhe dá uma. Este senhor andou aqui a fazer projetos sobre Azevedo, a falar sobre a gente de Azevedo e tudo. É um livro de cores que fala muito de Azevedo. Eu já vivo aqui há 70 anos. Este livrinho está como um pão quentinho, acabou de sair do forno. Tem que pagar? Não, não, não, não tem que pagar nada. Está aqui o teu nome? Também. E este aqui é o João Paulo? É o João. O João dos retratos? Ele também faz ilustrações, pinturas. A senhora conheceu o João? Agora ele está no Brasil. É um rico menino. Isto aqui fala de nós. No quarto fascículo escreverei sobre a peixaria. Vai falar da peixaria? Então fala coisa boa, tá? Diz que a senhora mais simpática de Azevedo é a senhora da peixaria, né? Ai de ti que não ponhas isso! Oh, Zé, não é? A senhora mais simpática de Azevedo-Campanhã?

DIZ A ROSA DA PEIXARIA:

“Quem não vai à peixaria, menino, não tem anos de vida, mas de má sorte”.



O café está aberto agora. De terminal esta cafeteria nada tem. Parece ser aqui onde os dias começam. É neste café onde muitas vidas começam justamente por ser aqui onde essas muitas vidas conversam. Há muita vida aqui. Vidas que falam e que escutam, há vida escapolindo por todos os lados, nos jornais, contadas e noticiadas, vidas na televisão, há outras que cruzam as ruas do lado de fora, vidas nas músicas que tocam, há nesta encruzilhada um café que abre vidas e caminhos sem parar. Mas como rasgar a palavra “vida” para encontrar a vida que a palavra esconde?



Azevedo provoca-me: “É preciso aproximar-se mais, menino”.

Foi sentado sobre a relva que Azevedo encheu-me de perguntas tal como a mão do talho enche uma alheira com alhos, azeites, carnes e farinhas. Foi assim que, por exemplo, sentado no Parque Oriental, ouvi aquela voz sem sequer saber de onde ela vinha. Ergui-me nutrido e, solto na luz do dia, caminhei rumo ao mistério daquele chamado. Caminhei. E caminhei mais um bocado. Sem entender coisa alguma, caminhei mais um bocadinho e vejam só: a voz trouxe-me até aqui. Trouxe-me a voz até a frente dessa peixaria que hoje, infelizmente, está fechada.✂



Senhoras e senhores, atenção, peço-vos que tenham muito cuidado. Algumas paragens de autocarro no Porto estão a ser reformadas. Salto da linha 400 e caminho em direção à peixaria da dona Rosa, mas não quero comprar peixes, nem frutas ou verduras. Aquilo que eu quero mesmo é conversar: ouvir, falar, dizer, escutar, balançar a cabeça e concordar com algo, ser tomado de surpresa por alguém, reclamar do frio, do sol, reclamar e rir, ouvir piadas até gargalhar, falar das guerras e dos terremotos, saudar a primavera por chegar, celebrar a vida, a vida mesmo. Falar, ouvir, ouvir, falar e muito observar. Observar bastante. E se eu tivesse o tamanho de uma formiga? Caminhar por aqui seria como subir e descer montanhas de poeira e pedra, poeira e pedra, pedra e poeira. Faço tudo passo a passo. Minha mãe dizia-me que não se deve falar com a boca cheia de comida. E ainda que, mais tarde, eu tenha descoberto ser possível falar e mastigar ao mesmo tempo, ainda assim, quais sabores deixaria de experimentar caso falasse palavras em vez de apenas mastigar?



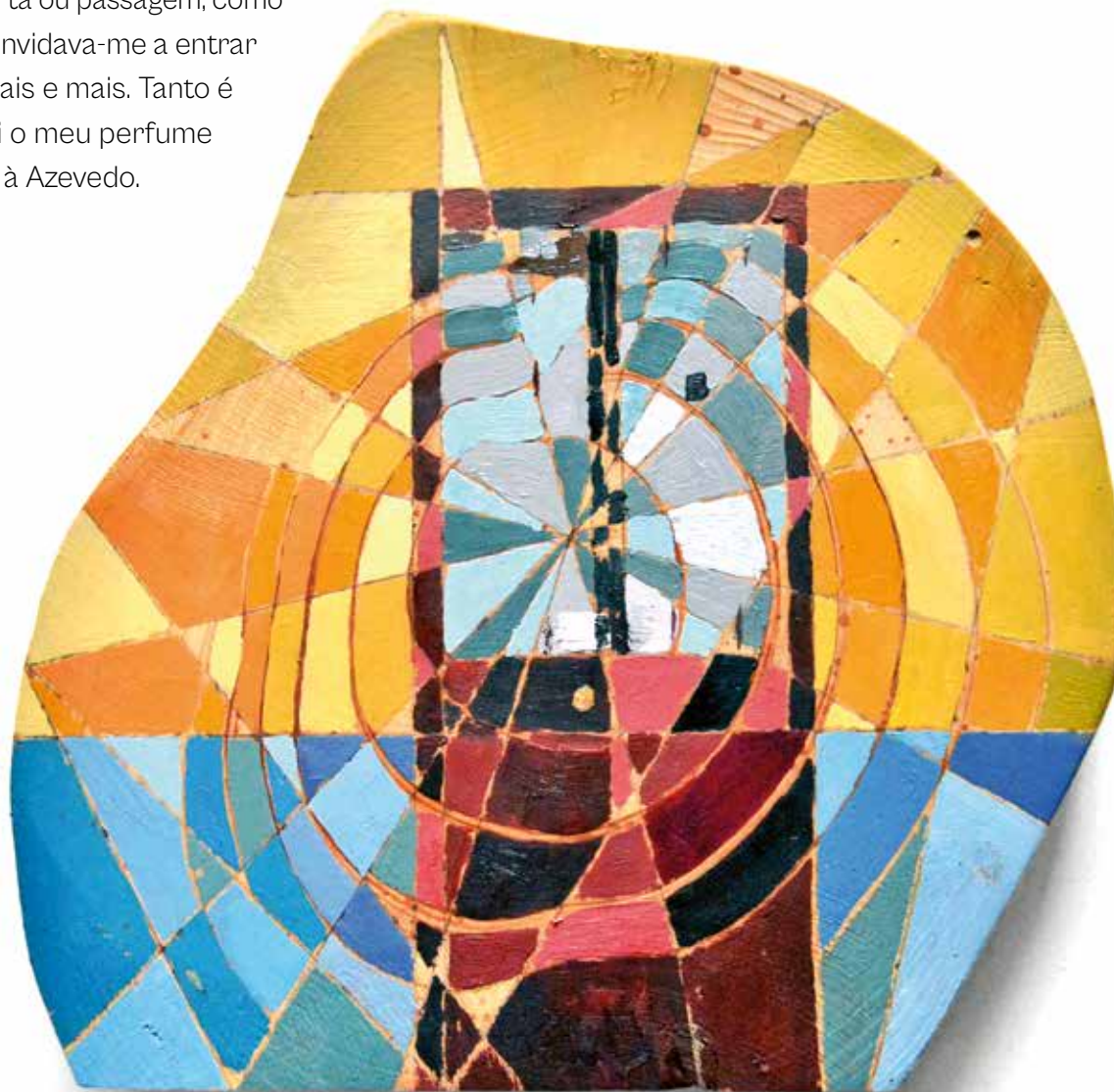
Movido por esta pergunta, aconteceu-me o seguinte: um pé de alface lança-me um luminoso “bom dia”. Alface linda, verde, crocante. Alface mesmo linda. Fez-me pensar em florestas quilométricas e em cachoeiras gigantes, a imensa vida vivida para além da humana gente. Há vida, suspeitei, protegida nas coisas mais frágeis, desimportantes e pequeninas. A alface, por exemplo, a alface deu-me “bom dia”. O pé de alface, o pé daquela alface, aquela alface de pé a crescer mais e mais como um ser que anseia ser uma destemida e nutrida árvore. Não tive como ficar indiferente. Retribuí o cordial aceno. Olhei para os lados, não havia gente por perto. Voltei-me à alface, balancei a minha cabeça, discreto e envergonhado, e disse assim com a boca meio aberta meio cerrada: “olá, cara alface. Bom dia para a senhora também”. Ela sorriu e balançou suas folhas mais de cima (imaginei que pudessem ser os seus cabelos caso cabelos tivesse a alface). “Bom dia para a senhora também”.

E por falar em “bom dia”, a voz da dona Rosa é mesmo um “bom dia”: basta pisar na Rua Aldeia que já se pode escutá-la na distância. A voz da rua a pegar boleia na voz da mulher que naquela rua tem a sua peixaria. Ouço as duas vozes. Com mais alguns passos, eu passo por cabras e bodes, carneiros ou ovelhas, o café fica na encruzilhada, aproximo-me mais e mais. E, de repente, eu paro. No meio da Rua Aldeia, atravanco e ali fico por uns minutos, completamente imóvel, eu estou paralisado.

Antes de conhecer Azevedo, pensava que aproximar-se de algo ou alguém fosse um movimento que terminaria logo assim que eu terminasse de me aproximar desse alguém ou algo. Mas após perceber que Azevedo está a caminhar sobre mim, tudo mudou. Aproximar-se de algo ou alguém, aproximar-se de algum sítio, por exemplo, não é o mesmo que concluir aventura alguma. Azevedo ensina-me que chegar nunca será concluir porque quando chegamos há sempre algo que se inicia. Chegar é continuar porque chegamos o tempo inteiro justamente por não chegarmos nunca.

A vida sabe
apenas continuar.

Chego à peixaria e a peixaria continua em mim. Há sol, vozes, há legumes e peixes, sim, há o mimo em forma de verdíssima salsa. Ganho ramos de salsa, mas ganho tanto mais: as conversas, os olhares e uns mil sorrisos. Chego à peixaria, mas observem, a peixaria também chega em mim. Quando aproximo-me dela, é ela que me começa. Esta peixaria. Ela veio até mim como uma porta ou passagem, como um limite ou paragem, como um portal que convidava-me a entrar num sítio ou flor que não cansa de abrir-se mais e mais. Tanto é que hoje acordei cedo, agasalhei-me, espirrei o meu perfume preferido e, dentro de outrocarro 400, rumei à Azevedo.



Azevedo
não cansa
de começar.☼

Essa aqui, eu quero. E depois, tem a mulher dele que não é dele, tem o amor. **E ele não sabe?** Depois vai para o Brasil e vai dizer que em Portugal tem uma senhora que, olha lá, tás a ver? **Mas tenho cá meus irmãos.** Meu irmão é igual. **Não dá jeito!** Mulher, filhos, e ele só quer a rua. **Desculpa.** Não faz mal, olha lá. **E me mandou entregar!** Passa no talho e depois na leitaria. **Ora!** Estou constipado. **Na minha casa não!** Pronto.



É gengibre? Faz bem, mas não tenho isso. **Pode fazer um chá com casca de cebola.** Casca de cebola? **Medicina.** Devias pegar no chazinho de. Uma xícara. **Como é?** Limão dentro. Mel. **Não posso com mel.** Duas gotinhas de limão. Uma colher de sobremesa, de chá, mistura bem, mistura muito bem, muito bem. **O mel tira o amargo.** Depois é engolir tudo devagarzinho. **Devagarinho, sempre aqui,**

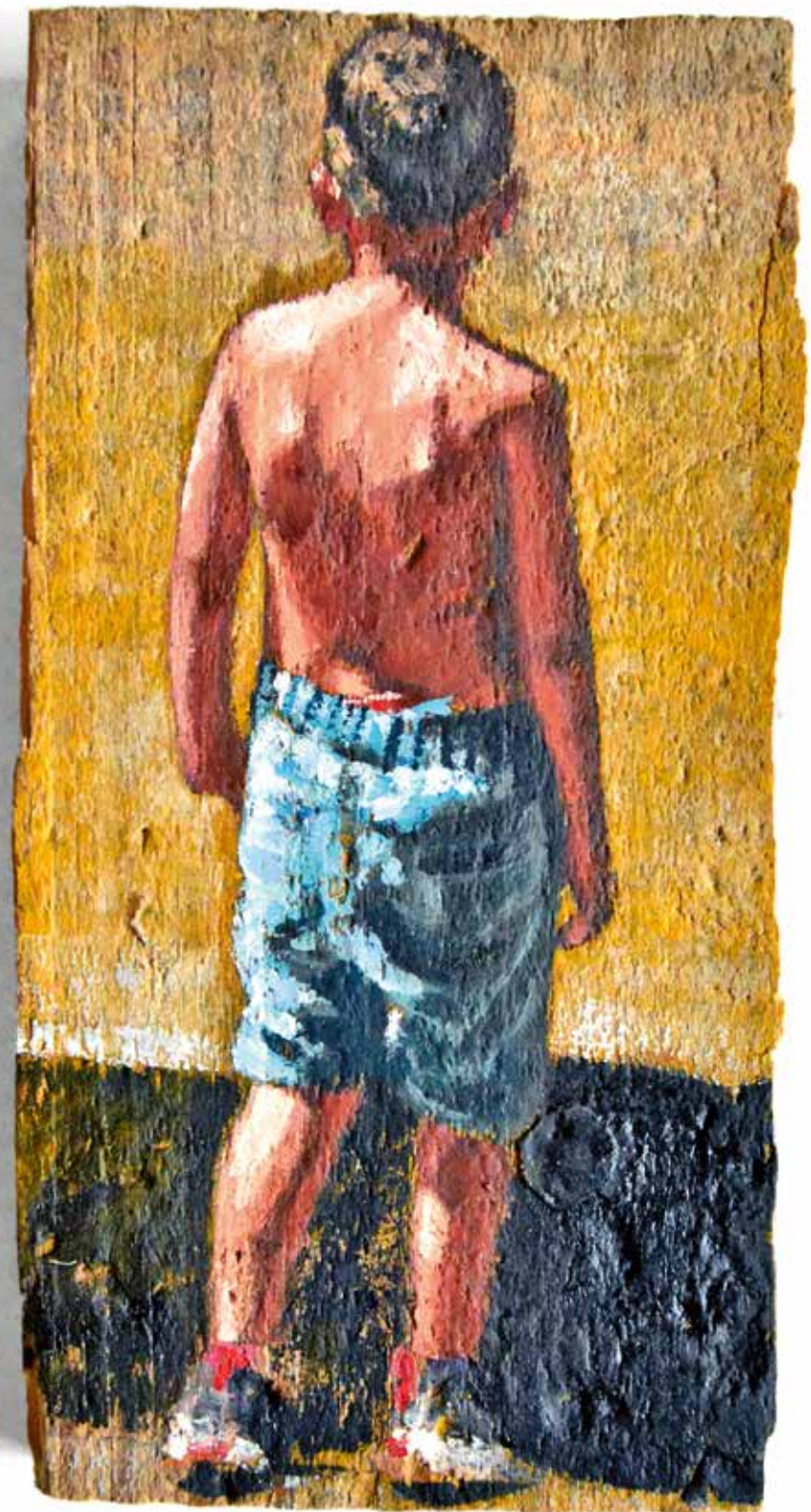
aqui nessa parte. Ovo também funciona. **A gema mesmo.** Isso mesmo. **Lembrei! É camomila!** Chá de camomila, tás a ver? **Corte tudo bem picadinho, sopinha branca, branca, com uma coxinha de frango lá dentro, pronto.** O franguinho dentro na sopa, uma batatinha, tudo junto com o franguinho, um bocadinho de cenoura e cebola, que faz muito bem prós pulmões. **É?** Não sabia? **Pois, uma cenourinha inteira, uma batata inteirinha, sim?**

Todo dia. **Posso colocar a batata aqui?** Sim, coloca onde quiseres. **Trouxe um saco.** Vai enchendo o saco que chega! **E eu não gostava de pepino.** Aquilo é salsa, é? **É salsa, sim, é salsa, ora.** Gostava de comprar um bocadinho. **Minha avó, ó, minha avó falava assim, já morreu há uns aninhos, coitadinha, ela falava que salsa não é pra vender não, salsa é um mimo, um miminho, tás a ver?**☺

Já não estou em Azevedo, mas Azevedo continua em mim, Azevedo faz-me continuar para além do que eu conhecia ou sabia. Penso tal como imagino que um solo pensaria: conecto os nutrientes espalhados sobre mim, faço químicas e alquimias. Penso na pessoa que fui um dia, nas pessoas apertadas em cidades e que, honestamente, nem sei se estão realmente vivas. Muitos desses viventes vivem crenças que estão vivos. São pessoas que falam muito e que falam difícil. Afirmam tudo a todo o tempo, resmungam e opinam sem freio. Querem dizer de que modo poderíamos acabar com a violenta exploração humana do planeta Terra. Inventam conceitos sobre o fim dos tempos e da natureza, anunciam o fim do planeta e dos seres humanos. Falam, falam, falam muito e falam difícil. Dizem “ecossistemas”, “biomas” e “carbonos”, mas já não sabem escutar (nem outros seres humanos, muito menos este planeta Terra).

São pessoas que falam difícil na tentativa de disfarçar os horrores humanos que elas continuam perpetuando neste mundo. Eu devo ter sido essa pessoa em algum momento, armada pessoa com palavras difíceis, a despeito de todo o mundo. Já falei muitas dessas palavras difíceis até o dia em que Azevedo provou-me o quanto tais palavras distanciavam-me mais e mais da vida. Quando chego em Azevedo, é curioso, toda a gritaria desse falatório difícil é silenciada. Ao menos em mim, brota um silêncio todo comovido, uma ventania interior. Penso nessa pessoa que fui, penso nas tantas que ainda hoje são assim, pessoas armadas de carros e conceitos, palavras difíceis e apartamentos, pessoas que quanto mais possuem mais estão apartadas da vida. Pessoas que falam e falham, que falam para esconder que falham, pessoas que quanto mais falam mais falham. Pessoas, enfim, que estão bué distantes do poema.

Quão distante estás
do poema, hein?‡



Estou diante de um poema.

Mas como entrar num poema? Primeiramente, é aconselhável que desistas do querer saber. Deixe que o poema escreva o caminho. Ele não está a teu serviço, caro humano. Um poema é feito uma densa floresta: ele não precisa ser para estar aqui e continuar.

Entro no poema-peixaria. Há tanto aqui que seria facilmente considerado desimportante que, justamente por isto, sinto-me ancorado à vida. Quando entro num poema sinto-me naufragar vida adentro. Reconheço que minha vida é feita mais de momentos esquecíveis do que dos memoráveis. É a conversa trivial que nos escreve, foi a história brevemente contada e interrompida, os sorrisos que saltaram como sapos, foram os pensamentos que gotejaram feito goteiras de uma pia, as mãos que procuraram pelo tomate mais lindo, tudo isso é o que escreve uma vida.

É provável que não lembres da quantidade de morangos que comeste até agora, mas e do gosto deles, tu lembras?

Um poema ensina a arte do esquecimento porque nos ensina a desistir dos controlos. Não controles, não queiras controlar, não tentes deter a vida porque a vida é movimento e movimento é bicho que só sabe continuar: saltamos de um verso para outro sem necessidade do explicar.

Deixar de ser gente para virar algo assim mais parecido com um poema. Eis um excelente projeto para as nossas vidas humanas: aprender a ser menos gente e a ser mais poesia.

Quando chego à peixaria, cada coisa ali conta-me uma ou três outras mais. Dona Rosa, então, é poeta por excelência, ela sabe conversar. Ela pergunta e responde, ela vai e não para de ir, ela continua mesmo quando está parada (olha ela ali, encostada à porta da peixaria a tramar conversa com o sol desta manhã). Como a vida, dona Rosa continua por saber que viver é dar um jeito de continuar. Sinto em mim uma fé renovada.

Tão logo estive em Azevedo pela primeira vez, Azevedo contou-me ao pé do ouvido que as palavras aqui não sobreviveriam caso quisessem explicar tudo e um pouco mais. Azevedo pediu-me calma sem dizer-me palavra alguma. Azevedo aproximou-me da vida para ensinar-me que vida é rio em movimento. Vida não cessa porque vida não para. Aproximo-me da vida e percebo isto mesmo: olhem lá a vida a ventar. Por isso tanta palavra, tanto poema. Um poema nos permite estar vivo e ser mais que humano, ainda que humano, demasiadamente humano. O poema Azevedo ensina que só está vivo quem um dia brincou de ser alface.🍅



Terra, céu, vento.
É prece, muita prece.

Durante a noite é quando se cresce. À noite, os brotos brotam. As estrelas no céu comemoram um minúsculo átomo que explode e eclode. Brotam ramos que atravessam a superfície do solo para saudar o infinito. "Olá, infinito!". Do escuro faz-se verde, do pequeno fez-se imenso. Entre o microscópico e o ramo da salsa, uma infinidade de cheiros, formas e tamanhos saltam. Entre o minúsculo e o visível, a mão humana vem, a boca humana tem fome, come a boca que come, ela arranca do solo a flor espalhafatosa, ela a corta com facas e, entre os dentes, tudo rasga.

Mães também ensinam. Minha mãe dizia: "tem água a alface, sabia? Alface guarda muita água". E eu, criança, sem entender nada, comia tudo sem duvidar. Ela contava-me: "faz bem para a digestão, sabia? Alface limpa tudinho". E eu, criança, mesmo sem entender coisa alguma, confiava na mãe como se fosse Deus a falar comigo através das flores. Hoje, quando diante de uma alface, mais do que comê-la, o que faço é celebrar a possibilidade de existir tantas e tão diferentes coisas neste mundo.



“Tudo poema, percebes?”.

É Azevedo quem me pergunta isto. Azevedo poema. Poema a peixaria, o autocarro também poema, poema as saúdes minha e a tua, a saudade poema, e também os climas, o poente poema, poema a morte e toda a gente, poema até mesmo o senhor Manuel que está com dificuldade para respirar e mesmo o outro Manoel, cujo carro foi roubado semana passada.☘

Alfaces imensas saltam da terra e elevam-se ao céu. Sobre o chão, sob as gigantes árvores de alface, lá está o ser humano, pequenino. O sol pisca, ora vem, ora parte. Sol e sombra dançam quando a cabeleira das alfaces move-se ao sabor dos ventos. Uma luz esverdeada envolve o mundo agora. A terra castanha, o ar tão verde, o humano tão pequeno, quase pálido. Este humano caminha, parece perdido. Encosta-se, cansado, no tronco macio e imenso da alface esverdeada. Do alto do tronco escorre uma gota fresca de água por certo divina. Boca humana na pele da alface crespa ou lisa. Vida é coisa que se compartilha. A alface dá água ao humano, aquele que agora tem o tamanho inverso da sua ambição. Pequeno, ele agora pode quase nada. Será preciso caminhar, mas é perigoso, ele pensa. Há seres voadores, seres com pernas peludas e finas (apenas formigas, pobre humano, as mesmas por ti pisoteadas durante quase toda a sua vida). A formiga caminha sobre o solo não como monstro, mas como ingrediente gigante e importante desta Terra. Assustado por não controlar ser algum, o humano esconde-se entre as alfaces. Amedrontado, pensa ver ao longe um barco. Ele corre e salta grandes montes que, quando pisados, desmancham-se rapidamente (as cinzas, pobre humano, dos seus tantos cigarros). Ele corre, alguma esperança, no adiante há um barco que te levará para longe deste planeta estranho (ainda agora, o teu). Com renovada sede, junto à embarcação que, de longe, parecia pequena, o humano vê agora tratar-se de uma grandiosa e tremenda nau moderna, meio transparente e por luzes atravessada, um navio azulado (uma das milhões de garrafas plásticas abandonadas pelo caminho). Caso soubesse que tudo aquilo que joga no mundo é aquilo que o mundo tornar-se-ia, talvez o pobre humano não jogasse tanto lixo no chão, não matasse tantas formigas, talvez este humano deixasse de ser humano para ser mais bicho ou bicha.


Não é um sonho isto,
isto não é delírio ou
utopia. Isto é poesia.☘



Sempre que os seguranças da Companhia Operacional de Segurança entram nos autocarros para conferir os bilhetes sinto que um poema morre.☘

Após conversar com o Rui, após café e uns copos, lá estou eu novamente, a ser caminhado por Azevedo e levado à rua da Ponte do Gato. Por que Azevedo quis trazer-me até aqui? Não sei, mas confio. Faz um ano desde quando estive nesta estreita rua pela primeira vez. Já naquele primeiro encontro algo naquela via tinha me encantado. Algo aqui havia me encontrado. Se foram as ruínas dessa construção, não sei dizer, mas estas ruínas continuam, elas sabem continuar. Sobrevivem paredes ainda de pé, firmes como um pé de salsa. E, então, percebo que numa das sobreviventes paredes de pé há uma janela que dá vista para o céu. Se eu estivesse dentro de uma casa e abrisse uma de suas janelas, naturalmente, eu poderia ver o céu através da janela. Mas não estou dentro da casa em ruínas. Eu estou na rua da Ponte do Gato e é da rua que vejo a janela e através dela encontro o céu. Dentro das janelas mora um céu azul e sem término. Penso nos olhos humanos, no rosto de tanta gente que aqui vive. É possível perceber isto que tento vos dizer? Não digo sobre abrir as janelas e ver a rua que passa do lado de fora. Digo sobre estar do lado de fora e através da janela ver o tanto de céu que mora dentro.

Há céu em cada interior,
Azevedo ensina-me.



Dentro de um sorriso, o infinito. Dentro da peixaria ou do café, rios e risos. O poema ensina a ver mais e melhor. Aquilo que há é também aquilo que poderia vir a ser. Diante de ti, poema, é sempre um início. Azevedo ensina como continuar, enquanto na televisão informam: "centenas de pessoas são encontradas entre os escombros".

Faz um ano, entrei num autocarro da linha 400 para conhecer Azevedo e escrever sobre Azevedo e sua gente. Que pretensão a minha. Enganei-me por completo. Naquela época, eu não poderia imaginar que Azevedo faria de mim um seu leitor. Azevedo, sim, mais que um sítio, um poema vivo.

Azevedo ensina:
vida é poema que
da palavra não precisa.‡

Publicação desenvolvida no âmbito da
micro-história #Centro Cultural Móvel
do projeto azevedo.

Autores:

Diogo Liberano (dramaturgia)

João Paulo Lima (desenho)

Sérgio Couto (design gráfico)

Tiragem:

500 exemplares

Impressão e acabamento:

Empresa Diário Do Porto

Depósito Legal:

??????????????



produção:

pele

parceiro:

 STCP

co-financiamento:

 REPÚBLICA PORTUGUESA
 ARTES

 NORTE 2020

 PORTUGAL 2020

 UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

apoio:

Freguesia de
Campanhã

